

VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO: UMA OBSERVAÇÃO DO QUE ACONTECE EM SALA DE AULA

DOUGLAS ERALDO DOS SANTOS – AUTOR
PAULO RICARDO SILVEIRA BORGES - ORIENTADOR

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – douglaseraldo@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – paulorsborges@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge a partir de observações feitas em sala de aula através da realização do estágio de observação, atividade obrigatória e necessária ao graduando em licenciatura, que no caso Letras – Português da Universidade Federal de Pelotas cujo projeto pedagógico estabelece-o para “promover a inserção do professor de Português e de Literatura em formação em contexto de ensino e de aprendizagem”.

Dito isto, importa informar que tais observações foram feitas junto a uma turma do sétimo ano do ensino fundamental em uma escola pública estadual de ensino médio e fundamental na cidade de Pelotas-RS. Contudo, buscando preservar profissionais e estabelecimento, tratarei-os neste trabalho apenas como *Escola X*, e *Professor X*, principalmente porque a intenção aqui é simplesmente refletir a partir destas observações como são tratadas as variações linguísticas em sala de aula. Portanto, se propõe apresentar um relato do que foi verificado em sala de aula buscando compreender e refletir sobre comportamento do docente diante as variações linguísticas presentes na fala dos estudante e se há ou não a presença de preconceito linguístico diante falas consideradas de menor prestígio.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho deu-se mediante a observação do conjunto de aulas ministradas pelo *Professor X* na *Escola X* durante o mês de maio de 2016. A atividade demandada pela necessidade do estágio de observação que assim como estabelece o projeto pedagógico do curso “visando a desenvolver a sua capacidade de interação com o professor em serviço, bem como de observação de aulas e reflexão crítica acerca da prática docente”. Isto feito, foram registrados exemplos de variações linguísticas presentes, bem como o comportamento do professor diante os fatos, e a partir disso, então, parto para uma reflexão crítica orientada e embasada por sociolinguistas que tratam da variação e do preconceito linguístico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seria desnecessário dizer da heterogeneidade de falas entre os 35 estudantes da *Turma X*, na qual foi realizado o estágio de observação. O grupo, formado por meninos e meninas quase que paritariamente, cujas idades médias ficam próximas dos onze, doze anos, reúne jeitos distintos de se comunicar capaz de expri-

mir o que diz BAGNO (2001) “a língua falada é um tesouro onde é possível encontrar coisas muito antigas, conservadas ao longo do séculos, e também muitas inovações”. Justamente por isso o docente deveria compreender que a língua está em constante processo de *mudança e variação* e como BAGNO (1999) lembra “O que hoje é visto como “certo” já foi “erro” no passado. O que hoje é considerado “erro” pode vir a ser perfeitamente aceito como “certo” no futuro da língua.” Ter tais questões em mente parece-me importante diante das exemplificações a seguir porque ainda que hajam inúmeros e respeitados estudos que tratam da abordagem sociolinguística no ensino, na prática deparamo-nos com correções e cobranças ainda embasadas pela “noção de erro”, algo que BAGNO (2001) enfatiza é que “os estudos linguísticos modernos têm revelado, simplesmente, não existe erro em língua” sendo que o autor justifica como “formas de uso da língua diferentes daquelas que são impostas pela tradição gramatical”.

Concentrarei as reflexões deste trabalho justamente sobre a presença de tais “formas de uso diferente” e como estas foram recebidas pelo Professor X em duas ocasiões bastante específicas. A primeira das ocasiões deu-se quando a Aluna A pediu “Pera aí professor” tendo como respostas “tô perando” indicando ali certa cobrança pelo uso da respectiva forma de falar. Percebemos aí o artifício do humor no ato de correção, ainda que não formal, uma forma de cobrar o uso de variedade culta em sala. A cobrança pelo uso de variedades mais próximas da culta então revelaram-se uma prática do docente que na segunda oportunidade teve atitude ainda mais severa diante de uma comunicação considerada com menor prestígio. No caso, a Aluna B dissera “parêmo” resultando numa recriminação imediata por parte do docente “O quê? Parêmo? O que é isso? Remédio para o estômago?” numa atitude capaz de gerar uma série de reflexões, além de que, como resultado imediato atraiu a atenção para a estudante e causando uma série de burburinhos e risos, talvez inocentes, contudo seroa esta a mesma sensação de quem é cobrado? Estaríamos aqui diante um exemplo claro de preconceito linguístico? Não se pretende aqui dizer se o Professor X está ou não certo em sua forma de tratar a presença da respectiva variação linguística, entretanto poderíamo aqui lembrar SOARES (1993):

Um ensino de língua materna comprometido com contra as desigualdades sociais e econômicas reconhece, no quadro dessas relações entre a escola e a sociedade, o direito que têm as camadas populares de apropriar-se do dialeto de prestígio, e fixa-se como objetivo levar os alunos pertencentes a essas camadas a dominá-lo, não para que se adaptem às exigências de uma sociedade que divide e discrimina, mas para que adquiram um instrumento fundamental para a participação política e a luta contra desigualdades sociais. Um ensino de língua materna que pretenda caminhar em direção desse objetivo tem de partir da compreensão das condições sociais e econômicas que explicam o prestígio atribuído a uma variedade linguística em detrimento de outras, tem de levar o aluno a perceber o lugar que ocupa e o seu dialeto na estrutura de relações sociais, econômicas e linguísticas, e a compreender as razões porque esse dialeto é estigmatizado.

Além disso, também nesse caso se poderia refletir sobre o que di BAGNO (1999):

Ensinar bem é ensinar para o bem. Ensinar para o bem significa respeitar o conhecimento intuitivo do aluno, valorizar o que ele já sabe do mundo, da vida, reconhecer na língua que ele fala a sua própria

identidade como ser humano. Ensinar para o bem é acrescentar e não suprimir, é elevar e não rebaixar a auto-estima do indivíduo.

Portanto, vejamos que até aqui o que foi presenciado em sala de aula diverge do que tem se discutido por grande linguísticas que de modo algum desconhecem a necessidade de apresentar-se aos alunos as variedades cultas de uso da língua, mas que não se precisa necessariamente estigmatizar o uso e as variedades presentes em aula. Todavia, aqui trata-se de um pequeno recorte, de uma amostra que como veremos nas conclusões demanda maior pesquisa e debate.

4. CONCLUSÕES

Enfim, a observação realizada demonstrou que a despeito do que abordam e apresentam os modernos estudos linguísticos, especialmente os no campo da sociolinguística, na prática, dentro da sala de aula ainda convive-se com a presença da noção de erro, a cobrança e o estigma quando do uso de uma variedade que não a culta. Nesse sentido, os exemplos aqui demonstrados podem ser observados também em estabelecimentos que não só na *Escola X*. Isto evidencia uma necessidade de ampliarmos as pesquisas quanto a abordagem sociolinguística em sala de aula, bem como, de que há ainda uma grande necessidade de convencimento dos docentes para um ensino que rompa com a forma engessada apregoada pelo tradicionalismo gramatical. Contudo, aqui estão apenas reflexões iniciais e que carecem de continuidade do debate, que conforme pudemos verificar é necessário e urgente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico, o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999.

Português ou Brasileiro? Um Convite à Pesquisa. São Paulo: Parábola, 2001.

Nada na Língua é Por Acaso, Por Uma Pedagogia da Variação Linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola. Uma Perspectiva Social.** São Paulo: Ática, 1993.